

**O PROCESSO EDUCATIVO COMO FORMAÇÃO E/OU TRANSFORMAÇÃO
E AS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA
THE EDUCATIONAL PROCESS AS FORMATION AND/OR
TRANSFORMATION AND THE POSSIBLE CONTRIBUTIONS OF
LITERATURE
EL PROCESO EDUCATIVO COMO FORMACIÓN Y/O TRANSFORMACIÓN
Y LAS POSIBLES CONTRIBUCIONES DE LA LITERATURA**

Thulho Cezar Santos de Siqueira, Olívia Morais de Medeiros Neta
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Brasil |
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
thulho.santos@ifrn.edu.br, olivianeta@gmail.com.br

Recebido em: 02/10/2018 | Aceito em: 03/12/2019

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir sobre a função da educação como processo formador e/ou transformador, atentando para o papel desempenhado pela literatura no mesmo. Abordaremos de maneira mais específica as formas como se tem trabalhado com o ensino de literatura nas escolas dando destaque para a recepção de textos literários através da utilização e da interpretação. Trataremos da relação dos alunos com os textos literários no ambiente escolar e como o contato com este tipo de leitura pode ajudá-los no processo de construção de sua subjetividade. Utilizaremos como suporte teórico as reflexões de autores como Silvia Rocha, Annie Rouxel e Antônio Candido.

Palavras-chave: Literatura. Leitura. Educação. Sujeito.

ABSTRACT

This work aims to discuss the role of education as a formative and/or transformative process, paying attention to the role played by literature in it. We will approach in a more specific way the ways in which literature has been worked with teaching in schools giving emphasis to the reception of literary texts through the use and

interpretation. We will deal with the relationship between students and literary texts in the school environment and how contact with this type of reading can help them in the process of building their subjectivity. We will use as theoretical support the reflections of authors such as Silvia Rocha, Annie Rouxel and Antônio Candido.

Keywords: Literature. Reading. Education. Subjects.

RESUMEN

Esta obra tiene como objetivo discutir el papel de la educación como proceso formativo y/o transformador, prestando atención al papel que juega la literatura en ella. Nos acercaremos de manera más específica a las formas en que se ha trabajado la literatura con la enseñanza en las escuelas dando énfasis a la recepción de los textos literarios a través del uso y la interpretación. Trataremos la relación entre los estudiantes y los textos literarios en el entorno escolar y cómo el contacto con este tipo de lectura puede ayudarles en el proceso de construcción de su subjetividad. Utilizaremos como apoyo teórico las reflexiones de autores como Silvia Rocha, Annie Rouxel y Antônio Candido.

Palabras clave: Literatura. Lectura. Educación. Sujetos.

INTRODUÇÃO

Ao pensarmos em educação é comum estabelecermos uma relação direta desta com a noção de formação, fato este facilmente observável nas mais variadas esferas de nossa sociedade. Esta é uma noção que perpassa os discursos presentes desde o senso comum até os acadêmicos, com suas teorias pedagógicas. Conceitos como *Paidéia* e *humanitas* ilustram bem esse entendimento, afinal “[...] o conceito de formação repousa sobre o pressuposto metafísico de um sujeito que deve ser educado em vista de um fim.” (ROCHA, 2006).

Podemos identificar diversos aspectos que apontam para uma natureza metafísica na ideia de formação. Começando pelo fato de não residir no processo seu interesse maior, mas sim no resultado final, no objetivo, a ser não apenas perseguido, mas alcançado, o fim último de transformar o sujeito – entendido aqui como um

conjunto de virtualidades – em um cidadão humanizado, socialmente integrado e principalmente economicamente ativo através de sua inserção no mercado de trabalho.

Outro aspecto observável é o caráter universalizante do que se pretende transmitir, – perceba-se aqui outra ideia bem questionável, a de transmissão em lugar de construção – um conjunto de valores como a moral, o conhecimento, a verdade entre outros sem nem ao menos questioná-los, mas aceitando-os como se estes estivessem presentes desde tempos imemoráveis sem possibilidade alguma de mudança. Trata-se mesmo de uma ideia metafísica por compreender o sujeito como um “substrato imutável” que se repita durante todo o processo tendo apenas suas capacidades atualizadas, capacidades estas que já existiriam como “potência”, para utilizar um termo aristotélico.

Portanto, apesar de conter em si certo aspecto de transformação, a noção de formação só a permite em certa medida, pois não há uma transformação efetiva do sujeito, mas apenas das capacidades deste sujeito. Ou seja, as potencialidades presentes na própria essência do sujeito são aprimoradas, transformando-se em habilidades. Estas só passam de potência a ato (no sentido aristotélico) através da ação de outro ser em ato sobre o sujeito, trata-se da figura do professor.

Mas será essa a única visão acerca do processo educativo? Certamente que não. Tomando como referência as questões e apontamentos do filósofo alemão Friederich Nietzsche (2005) podemos pensar na proposição de um novo modelo do processo educativo assentado sobre outra concepção de sujeito, a de um sujeito que não é um Ser imutável, mas sim produto dos processos que vivencia ao longo de sua existência, ou seja, um “*puro devir*, ao qual não se pode atribuir nenhum substrato”. Para o autor não haveria, na verdade, um “sujeito” estando o eu em constante transformação sem adquirir uma forma definitiva e acabada, ou seja, uma essência.

Podemos, então, entender a vida como um percurso no qual alguém vai se tornando – numa espécie de *continuum* – quem é, e esse “eu” vai sendo instituído e reinventado, mantendo-se sempre aberto, provisório e contingente. O sujeito, nessa perspectiva nietzschiana, só o é no devir da existência, na confluência dos acontecimentos e no encontro com o outro, com a alteridade.

Portanto o processo educativo não deveria estar fundado na ideia de formação, mas sim de transformação, não se poderia mais pensar na transmissão do conhecimento,

mas sim na construção conjunta do mesmo, lembrando que este conhecimento é definido pelo próprio Nietzsche (2005) não como descoberta, mas como invenção.

Adotando-se esse novo paradigma já não há mais sentido em traçar um objetivo final que se julgue indispensável, pois o processo educativo repousaria justamente na experiência vivenciada na trajetória do indivíduo, valorizando não os seus acertos ou erros, mas sim as suas tentativas e experimentações.

Não haveríamos de nos preocupar em desenvolver as habilidades pré-existentes e necessárias para a formação do cidadão ideal – chamado, em nossas escolas, de crítico, mas sim em propiciar espaços e eventos que permitissem aos sujeitos em devir o contato com a alteridade, a assimilação de experiências, e o constante reinventar-se para a construção de um conhecimento que leve em conta a dimensão ética dos sujeitos, permitindo-lhes a transformação necessária para a organização da sociedade.

Temos diante de nós duas lógicas distintas que conduzem a visões díspares do processo educativo, a educação como *formação* ou como *transformação*. Por isso, o objetivo de discutir sobre a função da educação como processo formador e/ou transformador, atentando para o papel desempenhado pela literatura no mesmo.

FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO, VISÕES AUTO EXCLUDENTES DA EDUCAÇÃO?

Se entendermos a educação como processo de *formação*, devemos admitir que ela pressupõe o saber e o conhecimento, afinal só se pode ensinar aquilo que se sabe. Outro pressuposto é aquele que trata a memória como fator absoluto e despreza o valor do esquecimento, isso mesmo, pois, é somente com a conservação dos saberes na memória que se poderá mantê-los e transmiti-los aos mais novos.

Quanto à educação entendida como processo de *transformação* as orientações são sensivelmente diferentes, pois não se prioriza um conjunto de saberes que devem ser simplesmente perpetuados, antes o que se busca é o acúmulo dos saberes oriundos de cada experiência vivenciada pelo próprio indivíduo.

Entra em jogo o não saber como condição para que se criem novos saberes, deixando de lado a segurança daquilo que já está consolidado para desbravar o desconhecido. Para isso faz-se necessário reconhecer o valor do esquecimento,

entendido – como pensava Nietzsche – como a faculdade de saber esquecer entendendo que é o esquecimento que nos permite estar abertos para o *devenir*, impedindo a cristalização e mera repetição do passado causados pelo excesso de memória.

Outro ponto relevante para uma educação entendida como *formação* é o caráter universal atribuído ao conhecimento, pois é só desse modo que se garante a sua transmissão, partindo-se sempre de uma experiência de um dado sujeito, já cristalizada pela memória, considerada como “certa” e apenas transmitida a outro sujeito.

Observa-se aqui outro contraponto no entendimento da educação como transformação, pois adotando-se tal concepção nega-se tanto a ideia de um sujeito que necessite ser igual ao outro, portanto baseado num modelo transcendente, quanto a ideia de que há um “certo”, uma verdade estabelecida *a priori*, pelo contrário trata-se de entender o conhecimento como algo sempre singular, contingente e referencial.

Enquanto a *formação* está assentada sobre a prática de transmissão de conteúdos como verdades universais e por isso imutáveis, a *transformação* assenta-se na ideia de mudança dos pontos de vista possibilitando que novas “verdades” surjam a partir de cada experiência.

Ainda sobre as diferenças causadas pela forma como se encara a educação, afirma Silvia Rocha (2006) que “[...] se a *formação* é um processo cumulativo e pontual, a *transformação* é contínua; uma aprendizagem se faz por etapas, e aquilo que se adquire será transferido para a etapa seguinte.” Podemos concluir então que como *formação* a educação fracassa se não conduz exatamente ao resultado esperado, ao passo que a noção de *transformação* exclui tal fracasso, pois o êxito está no processo vivenciado e nos saberes obtidos ao longo deste, sem necessariamente conduzir a um resultado pré-determinado.

Reforçando esta ideia a autora, no mesmo texto em trecho mais adiante escreve:

Desprovido de todo fim teleológico, esse percurso [o *devenir*, com a educação como parte dele] é por isso mesmo desprovido de todo fim cronológico: continua incessantemente se desenrolando, sem outra finalidade senão o próprio percurso, sem medida que possa instituir o ponto de chegada. (ROCHA, 2006).

Considerando as proposições de autores como Gilles Deleuze (2009), Michel Foucault (2003) e do próprio Nietzsche (2005; 2002) podemos dizer que a aprendizagem não é um processo para aquisição de novas habilidades, acréscimo de conteúdos ou constituição de uma subjetividade, mas sim um processo onde o indivíduo deixa de ser quem é e reinventa-se como um outro, esse outro afetado pelos saberes oriundos do próprio processo de aprendizagem, bem como no diálogo com a alteridade, pois o sujeito se estabelece como a resultante dos seus saberes. Somos aquilo que sabemos ser.

Por fim, é importante dizer que não é nosso objetivo propor uma nova teoria pedagógica que despreze a noção de formação estabelecida ao longo da história da civilização humana, isso seria impossível, pelo menos por hora, mas também é igualmente impossível continuar repetindo esse modelo sem questioná-lo, sem refletir sobre outras possibilidades, sobre mudanças que nos forneçam melhores condições de lidar com a educação.

Pretendemos, antes de tudo, uma reflexão sobre a forma como a educação tradicional tem se desenvolvido e procuramos apontar, a partir do pensamento nietzschiano, alguns pressupostos que podem levar a mudanças positivas nos processos de ensino e aprendizagem, possibilitando que se leve em conta a noção de sujeito, não como transcendente, mas como um “eu” em *devenir*, um indivíduo que se constitui sujeito como efeito dos seus saberes.

A grande questão que se põe diante de nós, não é se elas são auto excludentes, ou se podem coexistir, mas o que realmente devemos perguntar é: os modos como temos entendido o sujeito e o seu processo educativo é válido para a sociedade na qual vivemos? Os espaços consagrados à vivência dos processos de aprendizagem levam tais reflexões em consideração?

Para tal reflexão detenhamo-nos um pouco sobre como a experiência com a leitura e os processos educacionais em literatura podem ser utilizados, e qual a sua contribuição para a constituição dos sujeitos em suas experiências de aprendizagem.

A LITERATURA E A EDUCAÇÃO

A presença da literatura no processo educacional é inegável e facilmente identificável. Sabemos que desde tempos remotos muitos daqueles que conduziam os processos de aprendizagem o faziam inicialmente através da contação de histórias – e estórias – de onde os ouvintes extraíam as suas primeiras lições.

Graças aos estudos e pesquisas históricas e antropológicas sabemos que nas sociedades chamadas primitivas, ou seja, naquelas em que não havia ainda um sistema de escrita codificada, as tradições, costumes, lendas, enfim, os saberes eram passados de geração em geração através da contação de histórias, que hoje, não sem muitas contestações, se reconhece como História oral¹.

Os aprendizes reuniam-se em torno de uma fogueira e alguém mais velho tratava de assumir o papel de narrador, punha-se a contar as histórias de como o universo fora criado, de como aquele povo chegara até ali, das guerras vencidas, dos seus grandes guerreiros, das belas mulheres de suas tribos, dos compromissos com os seus deuses, enfim transmitiam aos mais novos os saberes acumulados pela experiência dos mais antigos.

Com o passar do tempo ouvindo aquelas histórias os mais novos as assimilavam e passavam a reproduzir tais saberes, aplicando-os a sua vida prática e posteriormente ensinando-os aos seus sucessores através da mesma metodologia, o que garantia a perpetuação dos saberes daquele povo.

Essas histórias deram origem a literatura que pode ser assim compreendida:

A literatura propriamente dita [...], cujas formas mais humildes e espontâneas de satisfação talvez sejam coisas como a anedota, a adivinha, o trocadilho, o rifão. Em nível mais complexo surgem as narrativas populares, os cantos folclóricos, as lendas, os mitos. No nosso ciclo de civilização, tudo isto culminou de certo modo nas formas impressas. (CANDIDO, 2002, p. 80).

Com a invenção da escrita as histórias que antes eram transmitidas apenas oralmente passam a ter uma nova forma de transmissão que passa a ocupar cada vez mais espaço nas sociedades. Aquelas narrativas passam a ser fixadas através da forma escrita, dando origem à Literatura escrita, que posteriormente deu origem aos livros.

¹ Para aprofundamento na discussão deste tema recomenda-se a leitura de JOUTARD, Philippe. **História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos**. In: AMADO, J. ; FERREIRA, M. M. Usos & abusos da história oral. 8ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

Com a escrita cada vez mais popularizada, pouco a pouco a Literatura oral foi sendo desprivilegiada e em seu lugar deu-se à Literatura escrita o status de principal fonte da transmissão dos saberes, principalmente nos espaços oficiais de educação: a escola.

Podemos resgatar a presença dos textos literários escritos nas relações de aprendizagem desde a Antiguidade como nos mostra o trecho a seguir:

[...] da Antiguidade até o século XVIII, o material didático utilizado nas escolas tinha a tarefa de transmitir a tradição e veicular modelos e essa prática dava-se a partir do conhecimento da língua e da **leitura de textos literários**. Daí o vínculo histórico entre o livro didático e a literatura. (FEITOSA, 2007, grifo nosso).

Percebemos, portanto, que o papel formador desempenhado pela literatura perpassa a história da educação, inclusive nos espaços formais – escolas – instituições às quais a sociedade moderna destina a maior parcela de responsabilidade na educação de seus integrantes.

Antônio Candido, no texto *A literatura e a formação do homem*², nos ajuda a entender melhor este papel atribuído à literatura. Como o próprio título já adianta, Candido defende a ideia da literatura como portadora de uma função humanizadora, ou seja, capaz “de confirmar a humanidade do homem” bem “como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem.” (CANDIDO, 2002, p.77, 80).

Para tal o autor discute, a partir dos estudos literários, o conceito de função, entendida como “o papel que a obra literária desempenha na sociedade.” (CANDIDO, 2002, p. 77). Há no homem, segundo o autor, a necessidade de sistematizar as suas fantasias e ele encontra na literatura uma forma bastante rica de fazê-lo, sendo esta, portanto uma das funções da literatura.

A fantasia não aparece do nada, não é algo que está presente como pré-condição para a existência do indivíduo, ela é antes de tudo um modo de reflexo de alguma realidade, o fruto do constante diálogo entre a realidade que se apresenta a um indivíduo e a percepção/interpretação que este tem daquela, a partir de sua imaginação. A

² “A literatura e a formação do homem” é um texto originado da conferência proferida por Candido em 1972 durante a XXIV Reunião Anual da SBPC, realizada em São Paulo.

imaginação, por sua vez “não é uma espécie de resto da realidade; mas estabelece séries autônomas coerentes, a partir dos estímulos da realidade” (CANDIDO, 2002, p. 82) sensorial, o que nos leva a uma segunda função da literatura: integrar e transformar a criação literária aos seus pontos de referência na realidade.

Sendo assim, entendemos que as criações literárias atuam de forma consciente e inconsciente na construção de um referencial tanto da realidade como da imaginação e, se ambas interferem diretamente no processo de formação de nossas personalidades, a literatura através de suas criações, pode ser considerada como responsável por boa parte da formação da personalidade de uma criança ou adolescente.

A literatura desempenha papel educador, mas não na acepção estreita de *formação* como discutida anteriormente nesse artigo, uma *formação* que serve apenas para perpetuar, o Bom, o Belo, o Verdadeiro, não, nessa abordagem a literatura atua mesmo como elemento de *transformação*, ou seja, como um instrumento que possibilite ao indivíduo uma experiência de reinvenção de si mesmo a partir do diálogo com a obra que tem em mãos.

Dá a necessidade do esforço que se tem feito nas escolas para cercear as experiências literárias dos aprendizes, impondo-lhes não apenas um cânon que deve ser lido em detrimento de todo o resto da produção literária, mas também uma forma fixa de interpretação e compreensão desses mesmos textos.

Podemos observar nas nossas escolas que grande parte dos processos de aprendizagem em literatura se dá de forma arbitrária, sem levar em consideração os desejos reais do aluno, muitas vezes sem sequer ouvir o que o aluno tem a dizer sobre aquilo que está sendo obrigado a ler.

É muito comum encontrar professores que estimulam seus alunos a consumir a análise de terceiros como se fosse a “verdade” acerca dos textos literários canonizados, que no lugar de permitir ao aluno o diálogo entre o texto literário, a realidade que o cerca – tanto o texto à época de sua criação, quanto o aluno que o lê – e a sua própria constituição enquanto sujeito, se prendem às respostas pré-fabricadas por doutos em suas publicações de caráter pretensamente científico.

Esta reflexão nos leva a outra não menos importante: que tipo de recepção literária tem ocorrido nas instituições educacionais de nosso país?

A RECEPÇÃO DA OBRA LITERÁRIA NA ESCOLA

O ensino de literatura no nosso país está diretamente ligado ao ensino de língua portuguesa, o que deveria ser uma boa coisa, mas que na prática não é, isso porque cada vez mais o espaço para as atividades relativas aos processos de aprendizagem em literatura é reduzido para que os alunos se dediquem ao “que realmente importa”, ou seja, aos estudos da linguagem, entendido – erroneamente – como o domínio da gramática com seu aparato de regras.

Desde o ensino infantil a literatura é utilizada com propósitos secundários. Exemplo disso é a utilização da contação de histórias apenas como um momento de distração da turma, motivado, por exemplo, pela ausência da professora – é sintomático o fato de nessa fase da educação quase inexistir a atuação de profissionais do sexo masculino – ou porque esta já “encerrou” o seu trabalho e ainda não pode liberar os alunos.

Ao chegar ao nível fundamental – que tem duração de nove anos, e é dividido em fundamental I, que compreende os cinco anos iniciais, e o fundamental II que compreende os quatro anos finais – imagina-se que o contato com a literatura será intenso, o que não ocorre por vários motivos: privilegia-se fragmentos de textos de outros gêneros no processo de aquisição de língua materna, as crianças muitas vezes saem do fundamental II sem saber ler e escrever, não há incentivo da prática da leitura por parte da família e em muitos casos nem dos professores – que em sua grande maioria não são leitores assíduos.

Quando passamos para o nível médio não há melhoras nesse quadro, o ensino de literatura continua subordinado ao de língua portuguesa e os textos literários são usados como meros suportes para os estudos gramaticais e quando abordada especificamente, as aulas de literatura tratam de questões ligadas à história e movimentos literários e, em alguns casos, de pressupostos estruturais.

Ao analisarmos o caso do ensino público, essa situação é mais agravante ainda, pois como não há uma disciplina específica, os professores de língua portuguesa não se sentem obrigados a incluir temas específicos de literatura em suas aulas.

No caso das escolas privadas, a presença de questões de literatura nas provas de vestibular obriga essas instituições a providenciar meios para que seus alunos estejam

aptos a passar nestes exames, oportunizando a inclusão do ensino de literatura através de disciplina específica, ainda que com carga horária muito pequena e insuficiente para desenvolver atividades e processos realmente significativos na apreciação e aprendizagem de literatura.

Outro problema ainda se apresenta nas relações de aprendizagem na literatura: em se trabalhando a literatura nas escolas, que abordagem adotar? Buscaremos discutir, nas próximas linhas, duas abordagens distintas, porém complementares, da recepção de obras literárias, são elas a *utilização* e a *interpretação*.

Em linhas gerais utilizar um texto literário quer dizer se aproximar do texto através de uma leitura mais subjetiva, trazendo-o para próximo do indivíduo e das relações possíveis entre o texto e o mundo no qual este indivíduo está imerso, despertando assim o gosto pela literatura através do envolvimento emocional.

Interpretar o texto é relacioná-lo a uma leitura mais técnica, em que estarão presentes as análises de relações existentes dentro do próprio texto e entre ele e outras obras literárias, sendo para isso necessário certo distanciamento subjetivo, não excluindo, mas afastando o envolvimento emocional proporcionado pelo texto.

Na prática escolar, quando há esse tipo de estímulo, tem-se estimulado os alunos do fundamental I e II – que estão iniciando as suas leituras – a fazer unicamente a *utilização* do texto. Incentiva-se que o aluno “viaje” no seu próprio mundo, sem a exigência de que ele trace relações com os fatos externos ao texto ou busque dados que permitam uma leitura pautada na apreensão de dados fornecidos pelo texto. É a exacerbação da subjetividade, o estímulo à liberação de todo o potencial criativo na formação de imagens correspondentes ao texto.

O que se pode observar é a falta de estratégias que levem os jovens leitores a ultrapassar “suas relações espontâneas nas quais se revela sua *utilização* do texto – seu hábito de sonhar com o mundo ficcional – para acessar outras possibilidades interpretativas.” (ROUXEL).

Por outro lado, ao considerarmos a relação com a obra literária apresentada pelos alunos do ensino médio podemos detectar uma abordagem que desprivilegia a *utilização* e adota a *interpretação* como forma única de recepção do texto literário.

É nesse período da vida escolar que os alunos são estimulados a ler os livros buscando unicamente analisá-los, sob o aspecto estrutural, ou buscando encontrar

características que o enquadrem nesta ou naquela escola literária. Reina o hábito de transformar a leitura em uma “[...] decodificação racionalizante, mais ou menos complicada” (PICCARD, 1986, p. 96 *apud* ROUXEL). Trata-se aqui da exclusão de toda subjetividade, deixada de lado em nome de uma análise que se pretenda metalinguística e que torna a leitura desprazerosa afastando assim o leitor.

A adoção desta prática leva boa parte dos alunos que atravessam a nossa escola a sair de lá achando que a leitura de obras literárias é uma espécie de “prática sem crença” nos termos de Baudelot.

A escola precisa se valer das duas formas de leitura – *utilização* e *interpretação* – se quiser lograr êxito na tarefa de utilizar-se da literatura como parte eficaz do processo educativo. O grande desafio é saber como utilizá-las de forma complementar, distinguindo-as, mas não separando-as.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber que este artigo nem de longe esgota o tema, seria ousadia demais pensar ser possível tal façanha em espaço tão pequeno, porém é também verdade que ele lança luz ao tema tratado e levanta alguns questionamentos que poderão ser respondidos por outras pesquisas e escritos.

A educação é um processo delicado, controverso e importantíssimo para o desenvolvimento de nossa sociedade, tem sido assim ao longo de toda a existência humana. De tempos em tempos atualizamos o formato e o entendimento que temos sobre esse processo, mas sempre demos continuidade a ele.

Nossa compreensão sobre a vida, os sujeitos e sua constituição também se alteraram bastante nos últimos anos e com isso há necessidade de reavaliarmos os processos educativos, sobretudo os formais, ou seja, precisamos reavaliar a nossa escola e a forma como ela se organiza.

Se até agora tivemos um processo educativo que buscava a *formação* dos sujeitos, agora talvez, seja oportuno pensar num modelo que proporcione a *transformação* dos indivíduos para que estes se constituam sujeitos a partir dos processos vivenciados tanto dentro como fora da escola.

A literatura pode cumprir um papel importantíssimo nesse processo, desde que seja entendida numa perspectiva que liberta o homem para o diálogo com aquilo que foi produzido enquanto resultado das leituras da realidade, trabalhadas pela imaginação e proposta como possibilidade de reinvenção da realidade de onde se origina.

É preciso que a escola supere as deficiências que apresenta. No que diz respeito à presença da literatura como parte do processo educativo precisa avançar rumo ao entendimento de que pode-se e deve-se equilibrar as formas de recepção dos textos literários como forma de garantir a aproximação dos leitores do texto sem que para isso tenha de abrir mão de análises mais profundas.

Se buscamos um processo educativo transformador, não podemos abrir mão da literatura, pois como vimos ao longo deste pequeno artigo, a literatura interfere na formação e na transformação dos sujeitos que a cada leitura podem vir a ser outros, graças ao diálogo com a alteridade e com as experiências que vive.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. In: **Textos de Intervenção**. Org Dantas, Vinícius. Rio de Janeiro, Editora 34, 2002.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

FEITOSA, Ceciliany Alves. **Livro didático de língua portuguesa, suporte ou armadilha para a literatura?** Disponível em <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem08pdf/sm08ss11_05.pdf > Acesso em: 25 ago. 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: o uso dos prazeres**. 10ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. **Usos & abusos da história oral**. 8ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

NIETZCHE, Friederich. **Humano demasiado humano**: um livro para espíritos livres. Tradução P.C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZCHE, Friederich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

ROCHA, Silvia Pimenta Velloso. Tornar-se quem se é: educação como formação, educação como transformação in MARTINS, A. M. M. *et ali*. **Nietzsche e os Gregos**: Arte, Memória e Educação. Rio de Janeiro: DP&A; FAPERJ; Brasília: CAPES, 2006.

ROUXEL, Annie. **A tensão entre utilizar e interpretar na recepção de obras literárias em sala de aula**: reflexão sobre uma inversão de valores ao longo da escolaridade. In: ROUXEL, A., LANGLADE, G., REZENDE, N. (cords.). **Leitura subjetiva e ensino da literatura**. São Paulo, Alameda Editorial. s/d.

ZILBERMAN, Regina. Letramento Literário e Livro Didático, uma Difusão da Literatura pela Escola. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (Orgs.). **Literatura e Letramento**: Espaços, Suportes e Interfaces – O Jogo do Livro. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2003.